

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU*
**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

JEANNE MEDEIROS DANTAS FERNANDES

A IDENTIDADE DO PROFISSIONAL DOCENTE NA PERSPECTIVA
DO SÉCULO XXI: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS PÚBLICAS
DO MUNICÍPIO DE PICUÍ/PB.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

JEANNE MEDEIROS DANTAS FERNANDES

**A IDENTIDADE DO PROFISSIONAL DOCENTE NA PERSPECTIVA
DO SÉCULO XXI: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS PÚBLICAS
DO MUNICÍPIO DE PICUÍ/PB.**

Monografia de conclusão de curso de Especialização
apresentada como requisito para a obtenção de título de
Especialista em Fundamentos da Educação: Práticas
Pedagógicas Interdisciplinares pela Universidade Estadual
da Paraíba /Governo do Estado

Sob a orientação do Prof. Ms. Adalberto Teixeira
Rodrigues

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363i Fernandes, Jeanne Medeiros Dantas

A Identidade do profissional docente na perspectiva do século XXI [manuscrito] : um estudo de caso em escolas públicas do Município de Picuí/PB / Jeanne Medeiros Dantas Fernandes. - 2014.

44 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2014.

"Orientação: Profº. Adalberto Teixeira Rodrigues, Departamento de Letras".

1. Docente. 2. Identidade Profissional. 3. Atuação Docente.
I. Título.

21. ed. CDD 371.1

JEANNE MEDEIROS DANTAS FERNANDES

A identidade do profissional docente na perspectiva do século XXI: um estudo de caso em escolas públicas do município de Picuí/PB.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção de título de Especialista em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pela Universidade Estadual da Paraíba /Governo do Estado, sob a orientação do Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues

Aprovado em 06/12/14.

BANCA EXAMINADORA

Adalberto Teixeira Rodrigues

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues (UEPB)

Orientador

Ana Raquel P. de Ataíde

Profª. Dr. Ana Raquel Pereira de Ataíde (UEPB)

Examinadora

Maria de Fátima Coutinho Sousa

Profª. Ms. Maria de Fátima Coutinho Sousa (UEPB)

Examinadora

Campina Grande

2014

Dedicatória

A Maria Edite de Medeiros Dantas, minha mãe, minha maior incentivadora na vida. Cada passo que eu conseguir dar em busca do conhecimento será a concretização do sonho que ela traçou para os seus filhos. Obrigada, mainha, por ser presença tão forte em minha vida que abalou o limiar da morte.

Agradecimentos

A Deus, pela oportunidade da vida, pelo gosto de aprender e pelo privilégio de poder empreender esforços em nome de uma educação de qualidade.

A Moacy Fernandes, meu esposo, pelo companheirismo e incentivo e, principalmente, pela paciência em tolerar as minhas ausências e necessidades de me dedicar a esse propósito.

A Lucas André e a Daniel Henrique, meus filhos, propósito maior do meu viver.

A meus irmãos, meu sustentáculo, pelo incentivo, amor incondicional e amparo nas horas difíceis.

Aos professores da Escola Estadual Professor Lordão e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Maria Gomes pela colaboração e companheirismo de sempre.

Ao mestre Adalberto Teixeira Rodrigues, meu Orientador, pelo incentivo, pela motivação e por não me permitir fraquejar. Sua dedicação foi um fator determinante na concretização desse projeto.

Especialmente a Professora Marta Lúcia de Souza Celino, a primeira pessoa a despertar em mim o desejo de fazer esta investigação.

Aos demais idealizadores e coordenadores do Governo do Estado da Paraíba e da Universidade Estadual da Paraíba. Investir na formação do professor representa um compromisso com uma educação pública de qualidade, que possa promover a igualdade e a equidade entre as classes sociais.

A todos os professores que estiveram conosco durante esse curso pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrados.

Particularmente à Professora Coordenadora Raquel Ataíde, uma simpatia de pessoa, que sempre nos apoiou e procurou nos motivar e atender às nossas demandas com presteza e serenidade.

E, finalmente, aos colegas de classe, pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais numa rara demonstração de amizade e solidariedade.

RESUMO

Pensar a identidade do profissional da educação na perspectiva do século XXI é aspecto fundamental nesta pesquisa intitulada **A identidade do profissional docente na perspectiva do século XXI: um estudo de caso em escolas públicas do município de Picuí/PB**. Esse trabalho se justifica pela necessidade de se refletir sobre o papel do profissional docente nos tempos pós-modernos em que as identidades, conforme Bauman (2001) são líquidas, isto é, estão em constante processo de (re)definição. Visamos como objetivos analisar os fatores que contribuem para a construção da identidade docente na atualidade, voltando o olhar para a realidade dos profissionais do município de Picuí, bem como verificar os desafios que o professor enfrenta na sala de aula. Formam a base teórica desse trabalho, discutindo acerca das identidades dos sujeitos na pós-modernidade, além de Bauman, Garcia (2009), Hall (2006), Nóvoa (1997) e outros. A atuação do profissional de educação nos tempos atuais requer uma dinâmica dos docentes que os coloque em condição de vanguarda no uso das tecnologias, na construção do conhecimento e na formação de cidadãos para o mundo. Esses são os desafios de quem atua e de quem quer ingressar como profissional na área de educação.

Palavras-chave: identidade profissional, atuação docente, desafios tecnológicos.

ABSTRACT

Thinking about the identity of the educational professional in the perspective of the 21st century is a fundamental aspect in this research entitled **The identity of the teacher from perspective of the 21st century: a case study in public schools in the town Picuí/PB**. This study is justified by the need to reflect on the role of the teacher in post-modern times in which identities, according to Bauman (2001), are liquid, that is, they are in a constant process of (re)definition. This work aims at analyze the factors that contribute to the construction of teacher identity in present, turning its gaze to the reality of the professionals in the town Picuí, as well as, checking the challenges that the teacher faces in the classroom. The theoretical basis of this work is formed by Bauman, Garcia (2009), Hall (2006), Nóvoa (1997) and others which discuss about the identities of the subjects in post-modernity. The pedagogical practice in current times requires a teachers' dynamic in the use of technologies, in the construction of knowledge and the training of citizens. These are some of the challenges of those educational professionals.

Keywords: professional identity, pedagogical practice, technology challenges

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR.....	13
2. ANÁLISE DOS DADOS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

No cotidiano escolar, é muito comum ouvir os professores falando que os tempos são outros, que os alunos não compreendem o esforço do professor, nem correspondem a ele, que os alunos não respeitam o professor, não sabem o que vêm buscar na escola, que as famílias vêm jogando os filhos para a escola educar, além de formar. Enfim, são inúmeras colocações que põem em xeque a atuação do professor e os rumos da educação.

Tais colocações sempre nos inquietam, pois revelam que

- A identidade profissional docente tem sofrido mudanças, impulsionadas pelas características da sociedade no seio da qual o professor está inserido;
- A atuação do professor está ficando comprometida por falta de definição no papel que a sociedade espera dele.
- Existe um contrassenso entre o profissional que o professor deseja ser e o profissional que a sociedade espera dele.

Afinal, qual é o papel do professor? Que atribuições lhe competem? O que o professor pode fazer para atrair a atenção e o interesse dos educandos? O que a sociedade espera do professor? E que profissional o professor deseja ser? Tudo isso despertou a curiosidade em investigar os fatores que vêm influenciando na construção da identidade do profissional docente na perspectiva do século XXI, fazendo um recorte para as escolas públicas do município de Picuí/PB.

Este trabalho busca identificar os fatores que contribuem para a construção da identidade do profissional docente inovador no município de Picuí-PB, com um olhar voltado para seus desafios e anseios frente à nova visão de educação da sociedade. Para tanto, é preciso:

- Verificar quais são os desafios que os professores vêm enfrentando na sala de aula.
- Observar como os professores têm enfrentado tais desafios.
- Relacionar esses enfrentamentos à formação do perfil profissional docente.

Sabemos que o papel do professor é fundamental para a educação em qualquer época e em qualquer nível de formação, pois, apesar das mídias tecnológicas,

este profissional continua sendo o principal mediador entre o aluno e o conhecimento. É nesta relação dialógica, estabelecida do educador com o educando, que se promove o exercício da arte do raciocínio crítico.

No artigo *A identidade docente: constantes e desafios*, Carlos Marcelo Garcia (2009, p. 110), citando o relatório da OCDE-2005, destaca que

os professores são importantes. Importantes para influir na aprendizagem dos alunos. Importantes para melhorar a qualidade da educação que as escolas e os estabelecimentos de ensino realizam cotidianamente. Importantes, em última análise, como uma profissão necessária e imprescindível para a sociedade do conhecimento.

Assim, evidencia-se que apesar de vivermos numa sociedade tecnológica, em que o público-alvo do professor (geralmente um imigrante digital) é nativo digital, o trabalho desse profissional ainda é o elemento-chave para a construção e socialização do conhecimento.

Antes, a identidade do professor era cristalizada: ele era o dono do saber. A ele cabia ensinar e ao aluno, aprender; Hoje, o professor é o mediador/ orientador, sofrendo as cobranças da sociedade, que não compreendeu ainda o papel do professor na atual conjuntura, já que por ter sido educada nos moldes tradicionais, continua esperando que o professor ensine e que o aluno aprenda.

A esse respeito, Claus Offe, citado por Zygmunt Bauman, (2001. P.11) reflete que

as sociedades “complexas se tornaram rígidas a tal ponto que a própria tentativa de refletir normativamente sobre elas ou de renovar sua ‘ordem’, isto é, a natureza da coordenação dos processos que nelas têm lugar, é virtualmente impedida por força de sua própria futilidade, donde sua inadequação essencial”.

Tal reflexão aponta para a dificuldade que se sente quando se quer definir quais seriam as atribuições, o campo de atuação, ou o papel que o professor deve exercer em sua ação.

É importante ressaltar aqui que, embora a sociedade em geral ainda não reconheça, vivemos uma época em que a identidade é um espaço de múltiplas interações, influenciadas por inúmeros fatores, entre os quais figuram as novas metodologias para tratar o conhecimento, as quais divergem muitas vezes da formação

recebida pelo profissional, que é obrigado a sair de sua “zona de conforto” em busca de crescimento profissional, nem sempre alcançado; as salas lotadas de alunos, que apresentam uma disparidade de interesses devido ao caráter sociocultural heterogêneo; uma crescente cobrança quanto à qualidade da educação, uma transferência dos papéis sociais à escola, a quem se imputa o papel de educar o cidadão, além do de formar. Assim a identidade do profissional docente também está sujeita a tais influências e vem se formando segundo essa multiplicidade de influências.

Independente dessas questões, é fato que o professor, na atual sociedade, é o principal responsável pela condução do processo ensino e aprendizagem. Por isso, é importante observar que fatores vêm determinando a construção de sua identidade e orientando sua atuação.

Segundo Nóvoa (1997, p 34), “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão”. Garcia (2009, p. 109) corrobora e complementa esse pensamento de Nóvoa (1997) afirmando que “A identidade profissional docente se constitui como uma interação entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais. A identidade se constrói e se transmite.”

Vivemos numa sociedade em contínuo processo de transformação. Muitas das quais não são planejadas, mas se processam num espaço de tempo cada vez mais curto e atingem um número cada vez maior de pessoas. Nessa sociedade, o conhecimento é um dos principais valores para a ascensão social de seus indivíduos. Mesmo não sendo a escola a única maneira de se obter conhecimento, ela é a principal instituição encarregada pela formação dos cidadãos. É dessa instituição que se cobra a tão sonhada qualidade da educação. Fica, portanto, evidente a importância de se investigar como está se dando a formação da identidade docente, pois qualquer melhoria na qualidade educacional está diretamente ligada à identidade e à atuação desse profissional.

A respeito da formação da identidade do professor, Pereira (2000, sp) afirma que:

A professoralidade não é uma identidade que se assume baseada em um modelo, mas uma diferença que o sujeito produz em si, é um estrato em risco de desequilíbrio permanente [...] A subjetividade é um conjunto de condições que perfaz o sujeito, que produz; a identidade é a institucionalização de uma forma a modelos estereotipados. A sociedade diz que devemos ter uma identidade estável e dá padrões como formas de homogeneizar o cotidiano [...] A

professoralidade é o jeito, o modo de ser que tenho alimentado, como via fundamental, tanto para navegar em meu campo individual quanto para colocar-me dentro da coletividade.

A partir dessas colocações, podemos depreender que ser professor é estar constantemente se construindo enquanto profissional, ora privilegiando os interesses da sociedade no seio da qual estamos inseridos, ora buscando atender aos nossos próprios anseios e expectativas para a nossa prática profissional.

Tendo-se em vista o contínuo processo de transformação por que passa a sociedade em que estamos inseridos, e considerando que a formação da identidade do professor sofre influência, por um lado de seus próprios valores, crenças, anseios e expectativas em relação ao seu fazer profissional, e por outro daquilo que a sociedade espera do professor, buscar-se-á, nesse estudo, investigar junto a esses sujeitos suas representações sobre os fatores responsáveis pela construção desta identidade.

1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR

Ao longo do tempo, a identidade do professor tem sido construída de diversas maneiras, influenciada por fatores como subjetividade, memória, singularidade, entre tantos outros. Em qualquer desses momentos, podemos observar que ela reflete a relação dialética: o professor que eu quero ser e o que a sociedade espera de mim.

Tal relação fica bem explícita na imagem abaixo:



Fonte: <http://didaticasuperior2012.blogspot.com.br>. Acesso em 15 de julho de 2013.

Analisando essa iconografia, observamos que o primeiro quadro revela uma concepção identificada com a identidade iluminista, isto é, o professor é apresentado como um "indivíduo centrado, dotado de capacidades de razão, consciência e ação" (HALL, 2006, P 2). Ou seja, naquela conjuntura social, o professor é o indivíduo socialmente eleito para repassar o conhecimento ao aluno (aqui entendido no sentido etimológico, aquele que está sendo nutrido intelectualmente). Este, por sua vez, é visto como "depósito vazio de conhecimentos" a ser preenchido a partir da ação do professor. As expectativas sociais eram, então, concentradas na figura do aluno, que deveria ser severamente punido quando não correspondesse às perspectivas da escola/sociedade.

Já no segundo quadro da iconografia, os papéis se invertem. Neste, o professor é encarado como um sujeito pós-moderno, cuja identidade (se caracteriza pelas) está rasurada pelas múltiplas identidades. De acordo com Stuart Hall (2006, p 2),

o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas, [...] como resultado de mudanças estruturais e institucionais.

Com o passar das décadas, o foco da sociedade mudou, e a identidade do professor, antes autoafirmada e estável, passou a ser alvo das expectativas dessa nova sociedade, implicando numa certa perda de autonomia do professor. Agora, o professor deve orientar/mediar a construção do conhecimento pelo educando (aqui entendido como “indivíduo em processo de formação educativa”), que é visto como um ser dotado de habilidades e competências a serem desenvolvidas e/ou complementadas pelo trabalho do professor.

Assim, podemos afirmar que a identidade do professor na atualidade está passando por um processo de reconstrução, no qual não está (e nem poderia, em se tratando de pós-modernidade, que se define pela multiplicidade de identidades) muito claro para o professor, para o aluno, para a família e para a sociedade em geral quais são as reais atribuições do professor. Por esse motivo, espera-se muito do professor e da escola, para os quais são transferidas responsabilidades que antes eram atribuições da família, do Estado e da sociedade e, muitas vezes, nem o professor, nem a Escola estão preparados para assumi-las. Refletindo sobre isso, Bauman (2001, p. 11) ressalta que

A ordem das coisas como um todo não está aberta a opções; está longe de ser claro quais poderiam ser essas opções, e ainda menos claro como uma opção ostensivamente viável poderia ser real no caso pouco provável de a vida social ser capaz de concebê-la e gestá-la.

Sendo assim, a identidade profissional docente está – como todas as outras identidades – passando por um contínuo processo de modificação e de adaptação às condições que a sociedade lhe apresenta. Segundo Bauman (2001, p. 13) “o que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento da modernidade”.

Essa ideia de derretimento da modernidade se confirma nos dados coletados em duas pesquisas realizadas em um intervalo de aproximadamente um ano, envolvendo professores da cidade de Picuí-PB e Carnaúba dos Dantas-RN, municípios vizinhos e que contam com um grande trânsito de professores que circulam nas escolas dos referidos municípios. Como dado ilustrativo, apontamos aqui dois gráficos, sendo um de cada pesquisa.

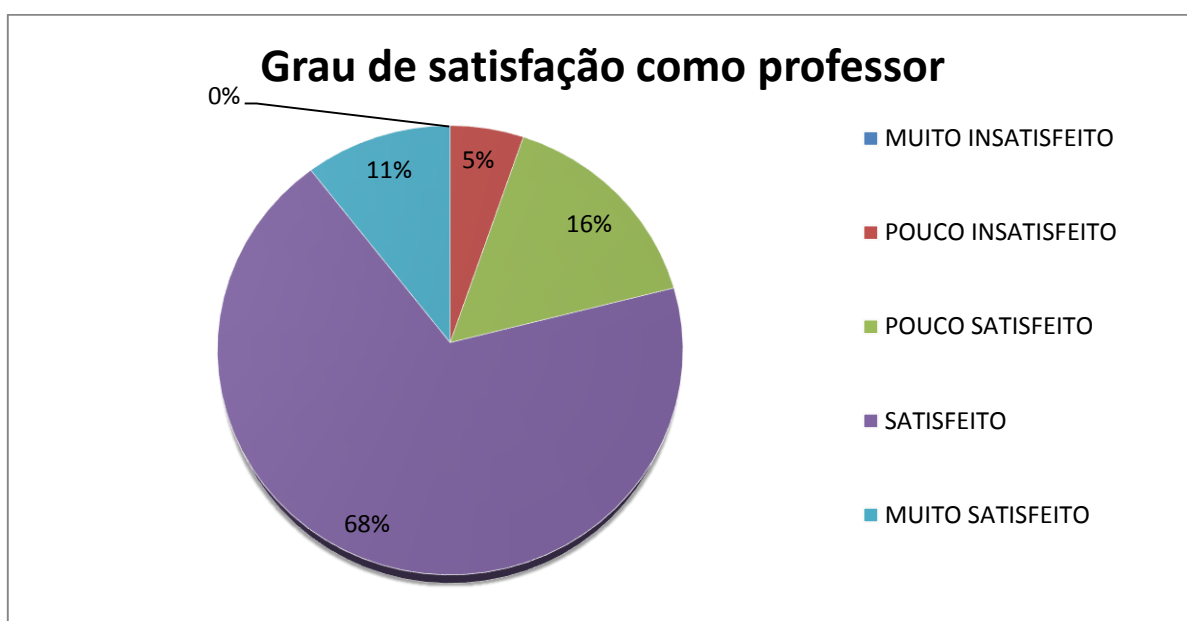


Gráfico 1 – Pesquisa realizada em 2013

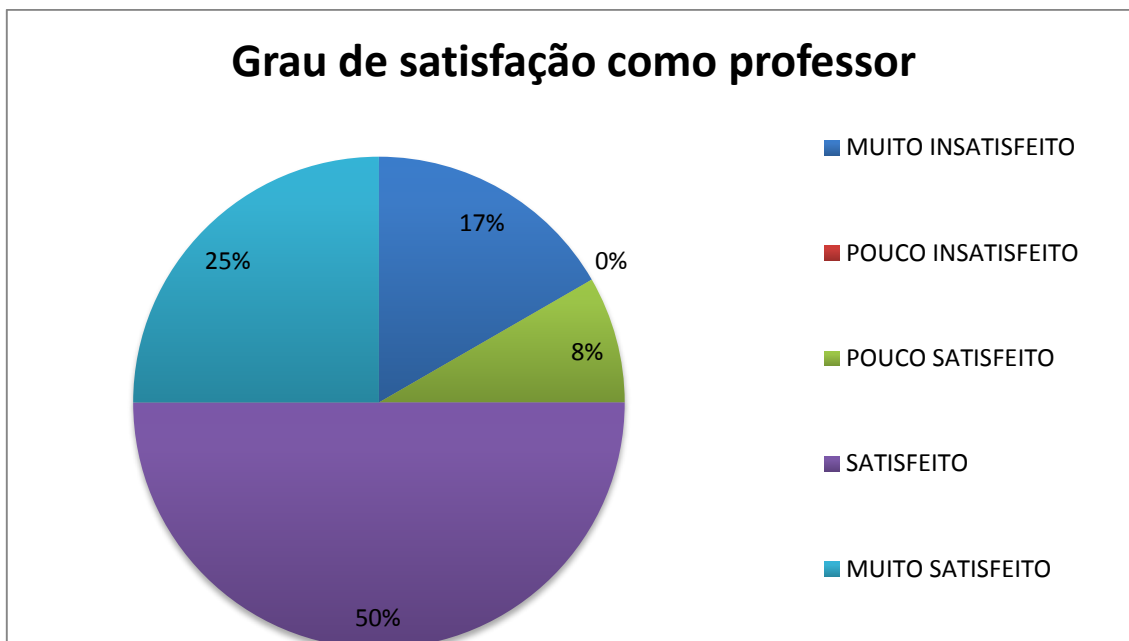


Gráfico 2 – Pesquisa realizada em 2014

Somente analisando o item grau de satisfação na atuação docente, em 2013, 68% dos entrevistados declararam-se satisfeitos com sua profissão. Um ano depois, apenas 50% se mostraram satisfeitos em resposta ao mesmo item. Nesse sentido, como Bauman bem assinala, num período tão curto a identificação do profissional com sua profissão apresenta uma variação significativa, revelando a liquidez do comportamento do homem pós-moderno.

Silva (2000, p. 81) enfatiza que a “identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Sua definição está sujeita a vetores de força, a relações de poder.” Desta forma, a identidade do professor atual está sendo construída em meio a um jogo de interesses sociais em que os valores, crenças, anseios e expectativas do professor se confrontam permanentemente com aquilo que a sociedade espera dele, influenciada por aquela imagem cristalizada na memória coletiva de que o professor ensina, o aluno aprende.

Nesta perspectiva, Gondar (2003, p. 32) concluiu que “A memória pode ser um instrumento de poder. Todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido”

A memória coletiva é um dos fatores preponderantes na formação da identidade do professor. Se, por um lado, a sociedade quer conservar aquela imagem cristalizada do professor como “aquele que sabe e que transmite os conhecimentos”, por outro não se aceita mais como modelo educacional os moldes antigos para promoção da aprendizagem, interferindo assim no ser professor de cada profissional. Aqueles que conseguem se ajustar melhor a esse anseio social são logo ditos “os bons professores”, os que o contestam ou têm dificuldade de orientar sua prática por ele são rotulados de “sem vocação”, “maus professores”, “desligados” ou “descompromissados”.

Corroborando essa discussão, Machado (1979, p. XII-XIX) afirma que “O poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber.”

Por sua vez, Gatti (1996, p. 85) lembra que

a identidade não é somente constructo de ordem idiossincrática, mas fruto das interações sociais complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens, nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história. Há, portanto, de ser levada em conta nos processos de formação e profissionalização dos docentes.

Seguindo por este viés, é possível dizer que a identidade do professor vem se construindo num palco de lutas e conflitos entre o saber e o poder, os quais interferem diretamente no ser e no fazer desse profissional, ou melhor dizendo, interferem na sua subjetividade/singularidade.

Para Rabelo (2007, sp) “Subjetividade é tudo que faz com que o indivíduo ou a coletividade exista, se autoafirme e se relacione com outros indivíduos ou outras coletividades, que também têm a sua subjetividade.” E completa:

Aceitando a subjetividade produzida pelo poder e se submetendo a ela, as pessoas passam a 'acatar' a identidade que lhe é destinada. Se resistem, elas constroem uma singularidade, ao invés de receber a subjetividade uniformizadora que o poder disciplinar produz.

Na sua prática cotidiana, ao acatar e alimentar as determinações do sistema educacional vigente (fazer chamada, registrar a aula, aplicar avaliações, promover recuperações...), o professor está aceitando a subjetividade produzida pelo poder. Porém quando ele decide as metodologias ideais para construir a aprendizagem junto com seus educandos, está exercendo a sua singularidade. Sendo assim, sua identidade está sempre se construindo dentro do que ele consegue produzir, ora satisfazendo as determinações do sistema, ora buscando formas de dinamizar a sua práxis.

A esse respeito, Pereira (2000, sp) afirma que “A ‘professoralidade’ não é uma escolha feita seguindo um modelo, mas uma ‘diferença que o sujeito produz em si’.”

Observa-se que Pereira (2000) chama de professoralidade aquilo que Rabelo (2007) define como singularidade, que vem a ser exatamente aquilo que identifica o 'ser professor' de cada profissional, diferenciando-os um do outro na sua prática. É a identidade pessoal. E o que os dois autores chamam de subjetividade é o que há de comum entre os profissionais, é a identidade profissional ou coletiva.

Focando a perspectiva de subjetividade/singularidade, que integram a identidade do professor, Lawn (2001, apud GOMES, 2008, p 4) observa que tais mudanças decorrem de três aspectos:

- A identidade dos professores deve ajustar-se à concepção de educação da nação;
- Uma das formas de acompanhar a escola e os professores é a criação de mecanismos, através do discurso oficial, que sejam capazes de monitorar a identidade dos professores;
- A identidade de professores pode, de forma sub-reptícia, ser manobrada a favor de interesses que não são necessariamente dos

próprios professores e dos demais sujeitos que partilham o espaço escolar.

Em suma, numa sociedade em transformação, em que os valores estão sendo reformulados, surgem diversos conflitos envolvendo professores x alunos x sociedade. Nesses, pode-se perceber que houve uma transferência de responsabilidades (educar, orientar, limitar, mediar os conflitos...), que antes eram da sociedade, ao professor. Em contrapartida, verifica-se uma perda de autonomia do professor, o que vem fragilizando a sua identidade docente e comprometendo a sua prática. Todos esperam muito do professor, atualmente, mas tais responsabilidades competem a todos: ao aluno, à família, ao Estado, à sociedade, enfim todas essas identidades devem se construir em conjunto para o sucesso de todo o grupo.

2. ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa foi realizada com 12 professores que atuam no ensino fundamental (anos finais), ensino médio e EJA da cidade de Picuí/PB.

A coleta de dados se deu através de aplicação de questionário, abrangendo aspectos relativos à construção da identidade do professor neste município. Destacaram-se o ser professor, os desafios do professor, relações humanas na escola e formação do professor.

Foram entrevistados 12 professores dos quais 06 são do sexo masculino e 06 do sexo feminino. A maioria se encontra na faixa etária entre 26 e 40 anos e conta com até 29 anos de tempo de serviço.

A maior parte dos entrevistados atua no ensino médio. Quanto ao nível de escolaridade, 09 são licenciados, 1 tem bacharelado e apenas 02 declararam ter especialização.

Entre os entrevistados, quatro declararam exercer outra atividade profissional paralela à de professor, dentre as quais constam atividades que se inserem na área de docência, mas não propriamente, pois não engloba a atribuição de notas ou o trabalho burocrático gerado pelo sistema regular de ensino, qual seja o registro de frequência, de aulas, de notas em diário de classe, elaboração e correções de atividades, entre outras. Há ainda atividades que em nada se relacionam à atividade docente.

Verifiquemos o gráfico 3, ilustrativo desses dados:

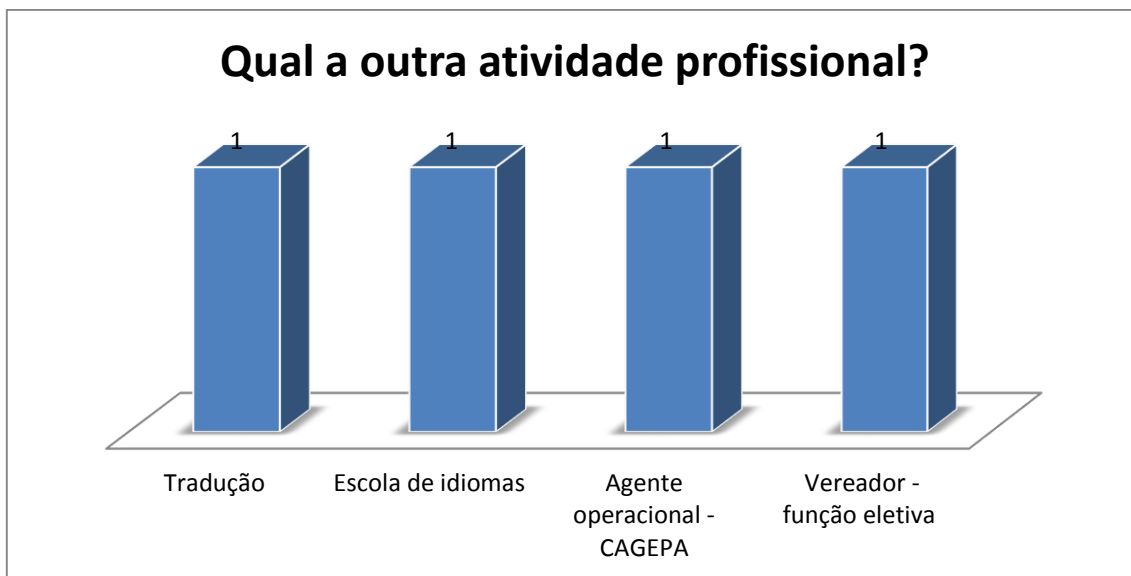


Gráfico 3 – Outra atividade profissional

Desses profissionais, três consideram mais rentável e mais gratificante a outra ocupação, conforme os gráficos 4 e 5.

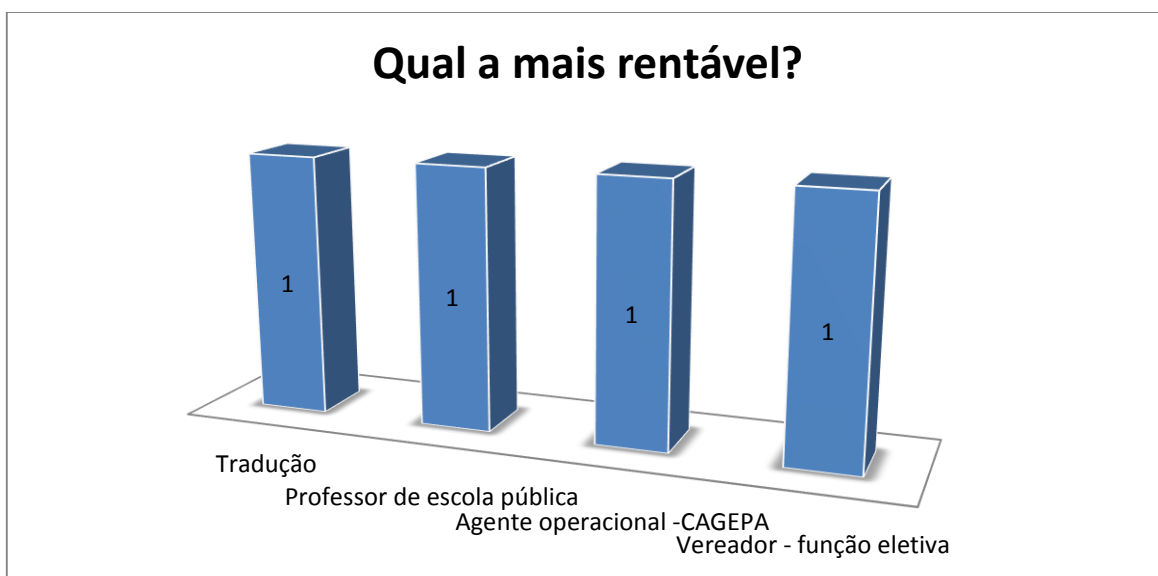


Gráfico 4 – Atividade profissional mais rentável

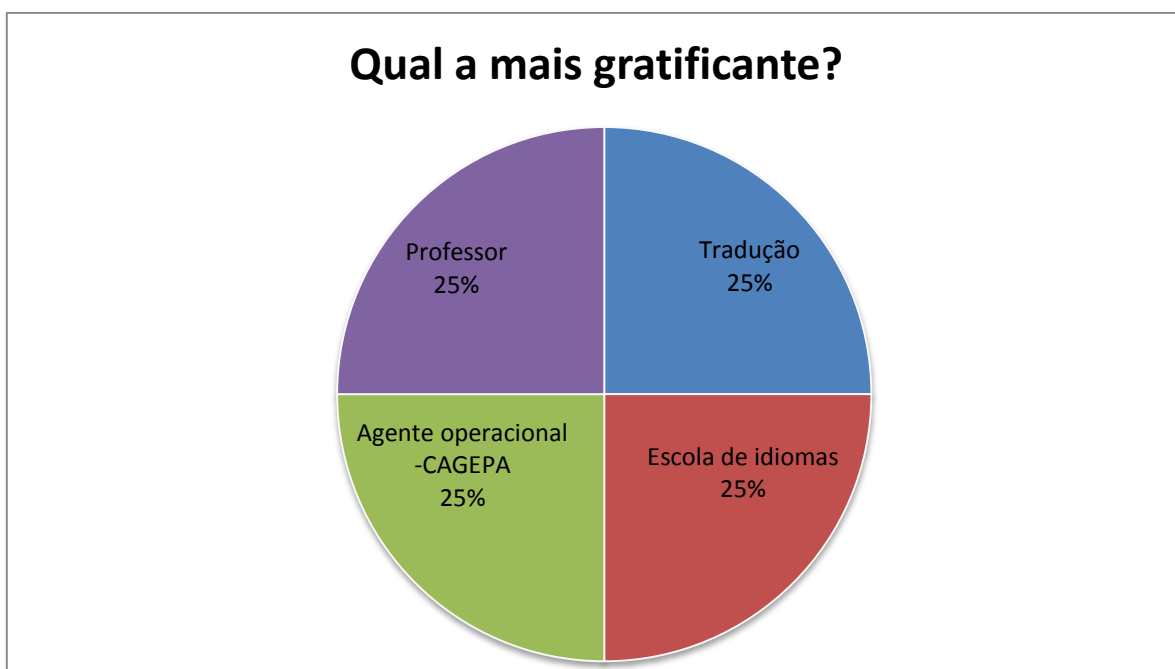


Gráfico 5 – Atividade profissional mais gratificante

A análise dos números apresentados pelos gráficos 4 e 5 revela aspectos preocupantes em relação à condição de ser professor, pois apenas 25% dos entrevistados reconhecem como mais rentável a atividade docente, isso mesmo se exercida na escola pública, considerando a implantação do Piso Nacional. Entretanto, sobre esse dado, pesa a declaração de outros 75% que afirmam perceber melhor salário nas outras atividades profissionais que exercem paralelas à de professor, como agente operacional da CAGEPA, por exemplo, cargo que exige formação apenas a nível de ensino médio. Revela-se, assim, uma desvalorização salarial do profissional docente, fato que vem afastando das salas de aula bons profissionais, uma vez que atividades profissionais que requerem bem menos tempo de estudo e que apresentam uma carga horária mais leve oferecem melhor rendimento salarial que a do professor.

Esses mesmos números demonstram que apenas 25% declaram como mais gratificante a atividade profissional docente, mesmo reconhecendo que não é esta atividade a que lhe proporciona melhor rendimento salarial. Esta constatação é

preocupante, pois pode apontar para uma migração dos profissionais que realmente se identificam com a atuação docente para outras profissões mais rentáveis e que lhe proporcionem melhor qualidade de vida. Neste sentido, corre-se o risco de se ter, na educação, profissionais sem vocação e que estão professores porque ainda não conseguiram melhor oportunidade de trabalho.

Os gráficos 6 e 7 referem-se às expectativas dos docentes quanto à escolha da profissão, bem como ao grau de satisfação dela decorrente.

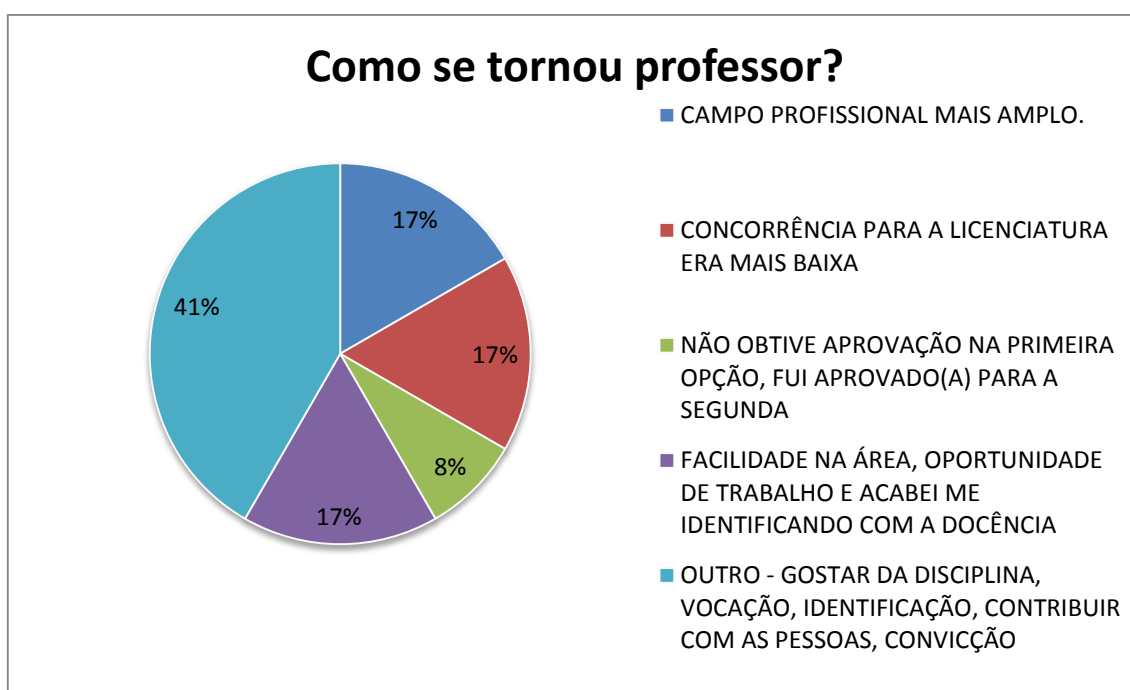


Gráfico 6 – Como se tornou professor?

Quanto à escolha profissional, a maioria dos professores entrevistados relatou que se tornou professor por se identificar com a disciplina que leciona, por acreditar ter vocação/convicção para exercer a docência. Outros se referiram à facilidade que possuem para trabalhar na área e às oportunidades que são bem maiores. Um dos entrevistados relatou que escolheu a docência pela necessidade em contribuir com as pessoas.

Um olhar mais acurado sobre o gráfico, contudo, revelará um dado fundamental e preocupante, isto é, o total dos que se tornaram professores por convicção pessoal ou por se identificar com a disciplina com a qual trabalha (41%) é inferior à soma dos que chegaram à profissão acidentalmente (59%), corroborando os dados verificados na análise do gráfico 5.

A maioria dos entrevistados (50%) se disse satisfeita com a escolha profissional, o que pode revelar que, mesmo não tendo escolhido a atividade profissional com base na convicção pessoal ou na vocação que acreditava ter para tal atuação, muitos dos profissionais entrevistados acabaram por se identificar com a área em que atuam e com tipo de atividade que desenvolvem.

Em seguida, os entrevistados foram provocados a comparar a própria atuação no início da carreira (ver gráfico 8) e no momento atual (ver gráfico 9), relatando os motivos de sua avaliação.

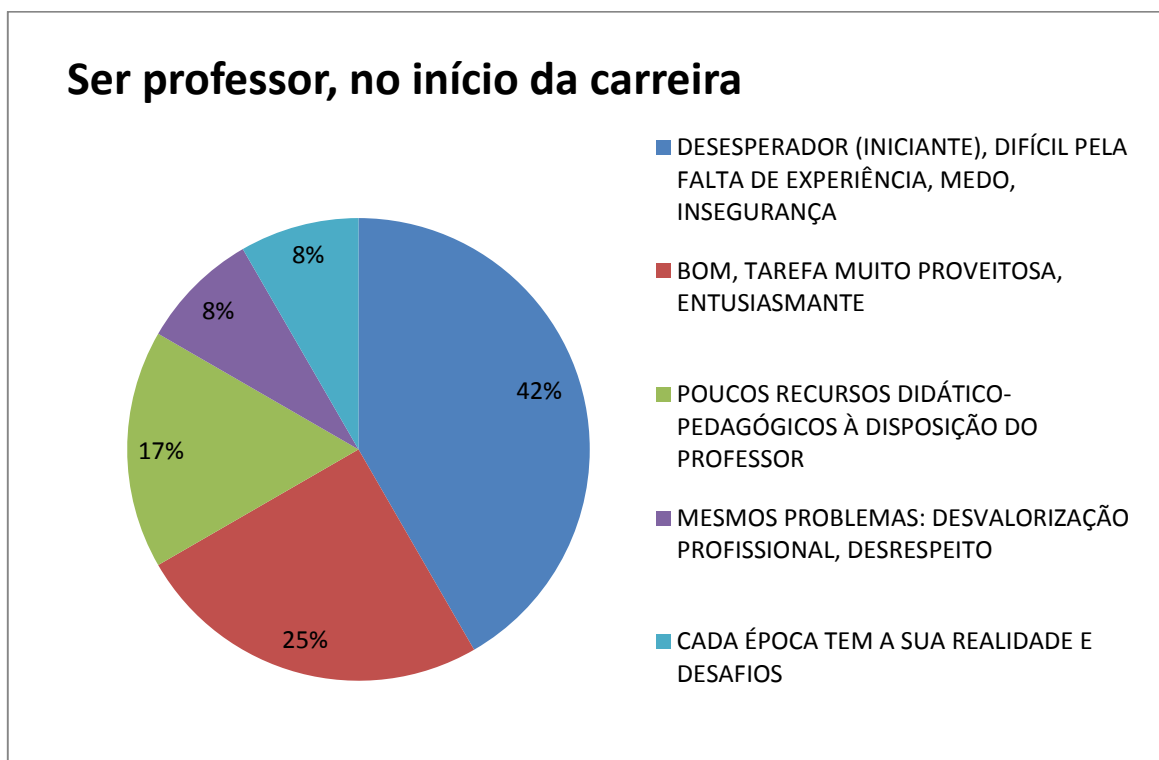


Gráfico 8 – Ser professor no início da carreira

Quando levados a comparar o início de carreira com a situação atual, os entrevistados relataram que o início foi mais difícil devido à falta de experiência, sentirem-se inseguros e temerosos, e por haver poucos recursos didático-pedagógicos à disposição do professor. Além de todo início de carreira ser universalmente reconhecido como difícil, os entrevistados que relataram se sentir desesperados, inseguros ou com medo somam 42%. Tais números são muito expressivos e corroboram principalmente o dado, constante no gráfico 6, que expressa uma escolha acidental da profissão.

Chama ainda a atenção, os 8% que detectam uma situação estagnada nos quadros da educação, citando a permanência dos mesmos problemas, tanto em relação ao sistema, como no que diz respeito à valorização profissional. Esses dados revelam a insatisfação que tem afastado da atividade docente muitos daqueles profissionais que a escolheram por acreditar ter vocação.

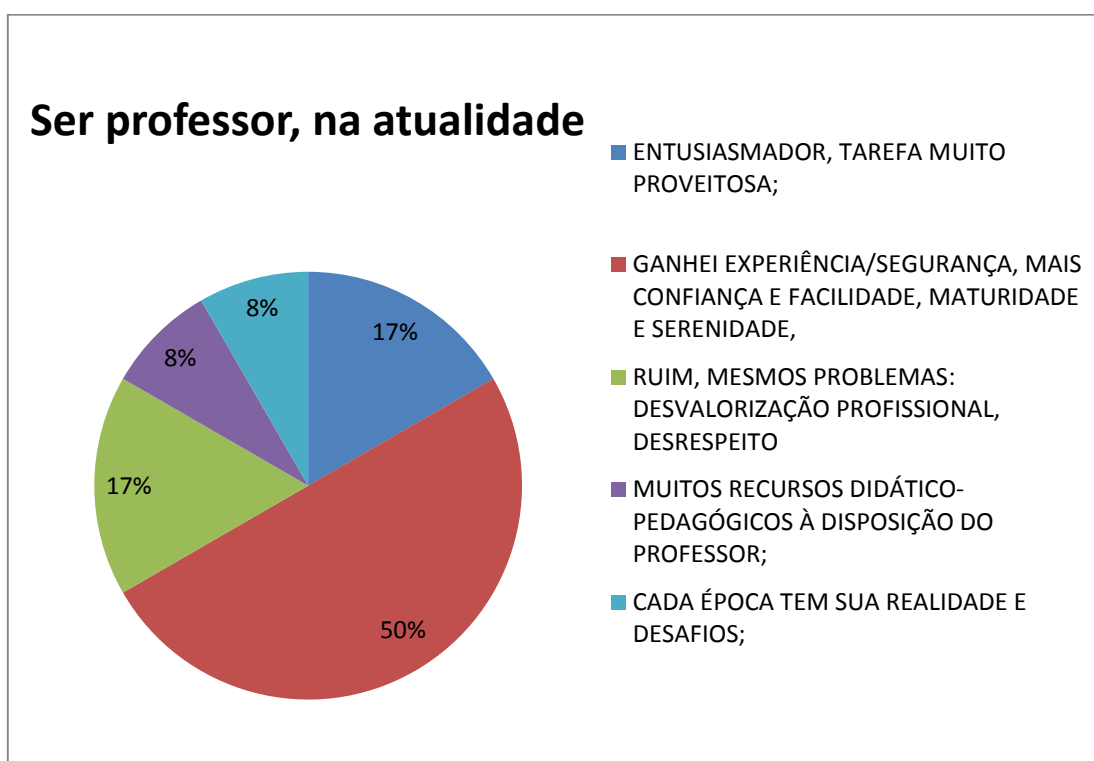


Gráfico 9 – Ser professor na atualidade

Porém, atualmente, os entrevistados afirmam estar mais confiantes e seguros, devido à experiência acumulada, e que as escolas em que trabalham evoluíram muito quanto à questão de disponibilizar recursos didático-pedagógicos, facilitando a atuação do profissional. Houve também relatos de que cada época tem sua realidade e desafios, mas que ensinar sempre foi uma tarefa muito proveitosa. E, contrariamente a esses últimos, houve quem dissesse que o início de carreira foi melhor e mais entusiasmante, e que na atualidade se encontra desestimulado, não pelo trabalho na sala de aula, mas por questões de desvalorização profissional e falta de respeito ao professor, tanto por parte do sistema, quanto da sociedade.

O próximo item da entrevista foi um convite à expressão da visão que faziam da educação antes de ser professor, como demonstra o gráfico 10, e no momento presente (gráfico 11).

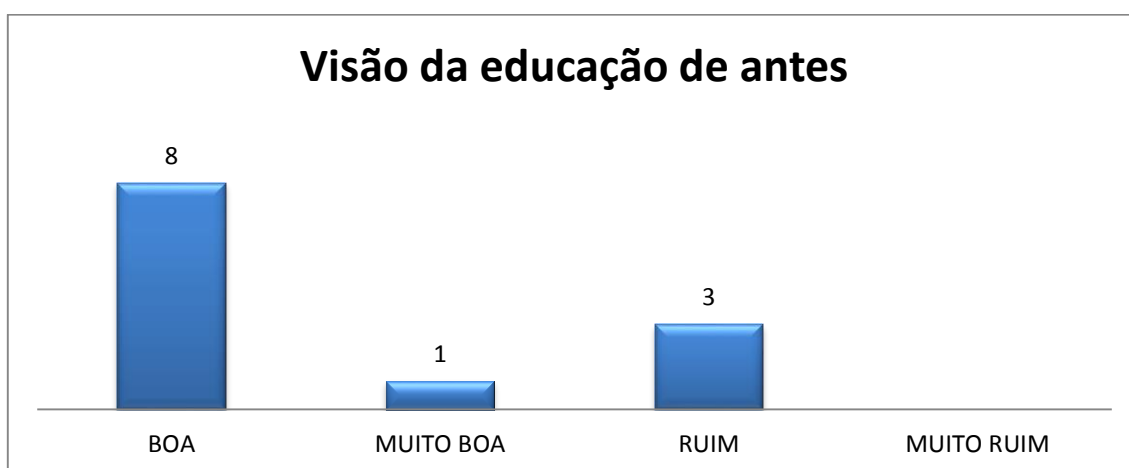


Gráfico 10 – Visão da educação antes

Na visão da maioria dos entrevistados, a educação antigamente era boa, porque a educação doméstica era mais eficaz, havia mais respeito ao professor e o aluno aprendia verdadeiramente, apesar de o acesso à informação ser mais difícil, de os

professores serem menos qualificados – alguns não tinham nem formação a nível de ensino médio – e muito tradicionais, de não haver recursos didático-pedagógicos disponíveis, e de faltar a iniciativa governamental.

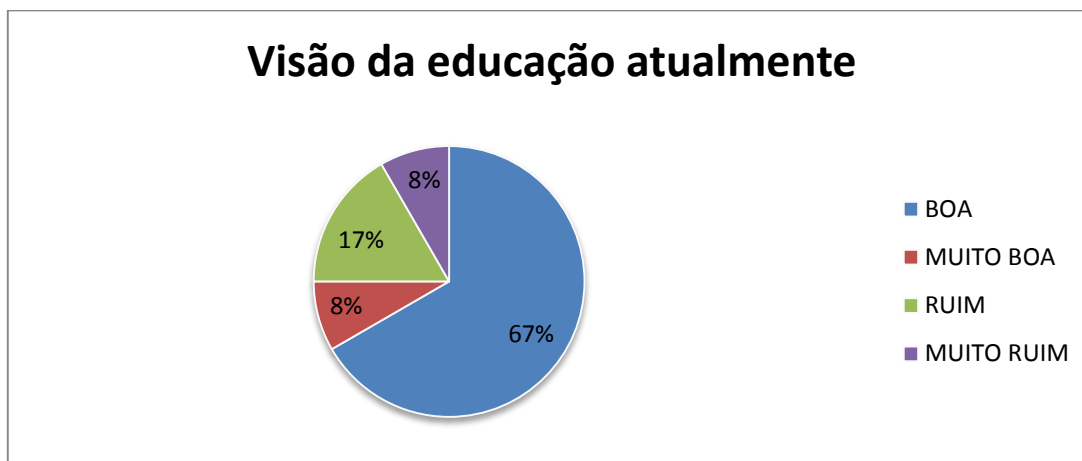


Gráfico 11 – Visão da educação atualmente

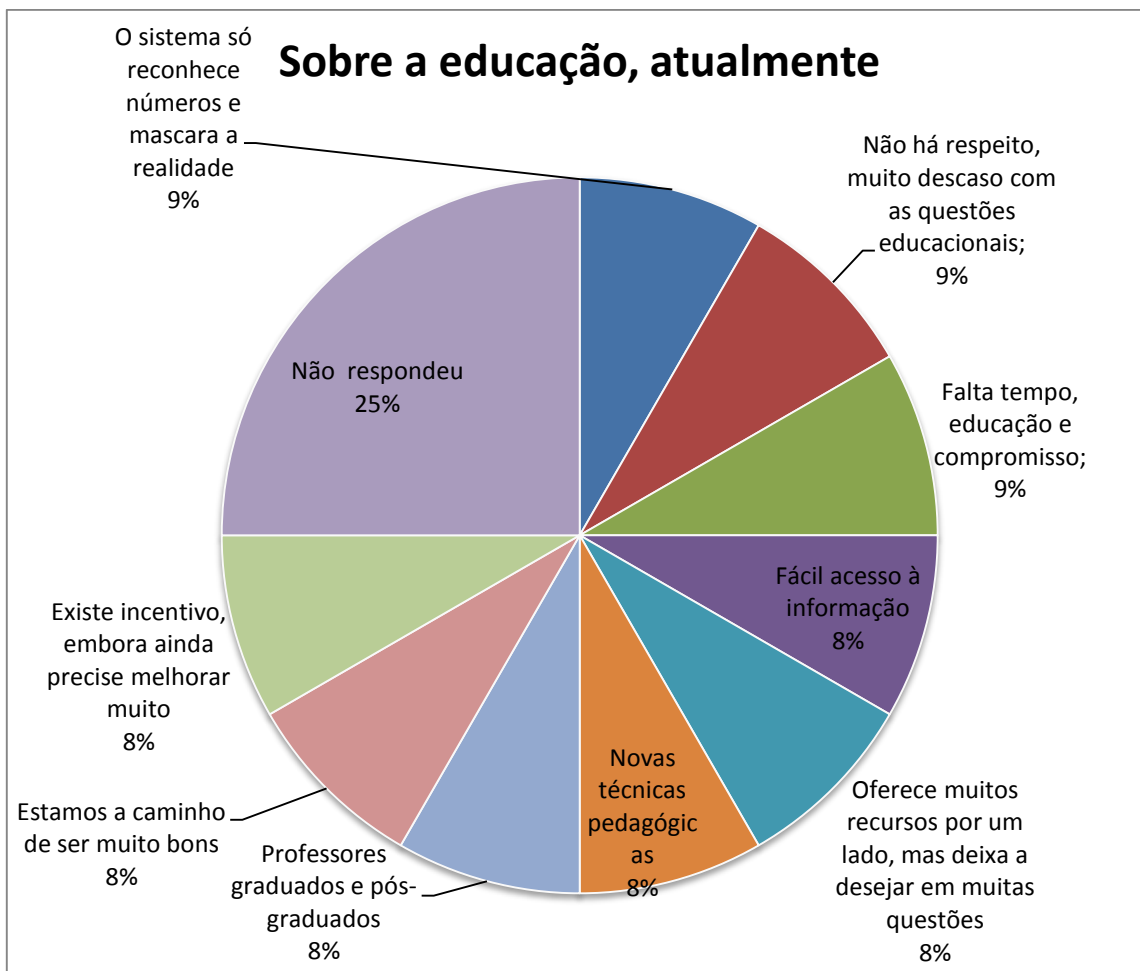


Gráfico 12 – Sobre a educação, atualmente

Quando chamados a expressar opinião sobre a educação na atualidade, de acordo com o gráfico 11, a maioria a considera boa, justificando que novas técnicas pedagógicas vêm facilitando o trabalho do professor, que é um profissional graduado e pós-graduado e, portanto, trata-se de alguém que constantemente está buscando meios de melhorar a sua prática pedagógica, para isso conta com a facilidade de acesso à informação.

Em suma, analisando mais aprofundadamente o gráfico 12, percebe-se que os entrevistados, cerca de 40%, deixaram claro existe incentivo ao trabalho docente, mas é preciso melhorar muito, pois, se por um lado o sistema educacional atual oferece muitos recursos, deixa a desejar em outras questões, segundo a opinião de aproximadamente de

40% do público alvo da pesquisa. Os professores citaram que falta à família tempo, educação e compromisso com a educação dos filhos; que o sistema só reconhece números e muitas vezes mascara a realidade e, por fim, que falta respeito aos profissionais docentes e há muito descaso com as questões educacionais nesse país.

Os gráficos 13, 14 e 15 dizem respeito ao subtema Desafios do professor e versa sobre aspectos de motivação, enfrentamento das dificuldades de aprendizagem e utilização de ferramentas tecnológicas.

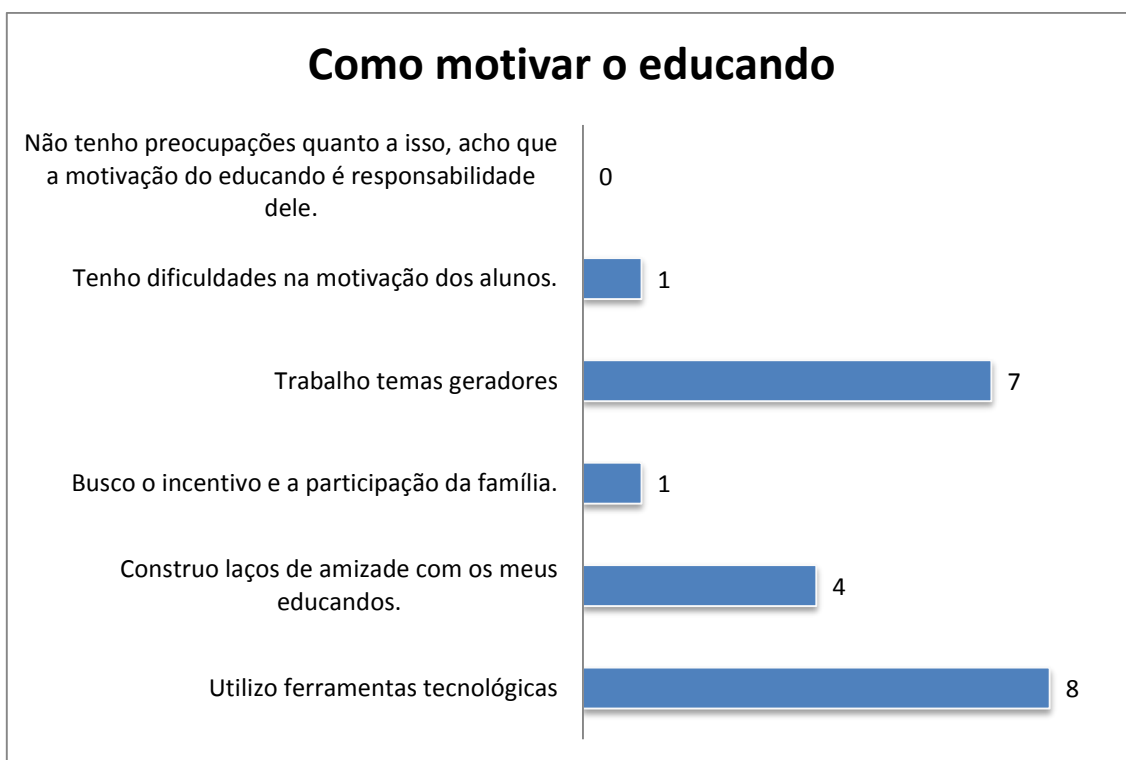


Gráfico 13 – Como o professor procura motivar o educando

Quanto à motivação do educando, a maioria (aproximadamente 67%) declara que utiliza as ferramentas tecnológicas, insere em suas aulas temas geradores ligados à área de interesse dos educandos, constrói laços de amizade com os educandos. Nesse ponto, confirmou-se a ideia inicial de que para atrair a atenção da geração Y, um ponto

primordial é possibilitar a construção do conhecimento associada à utilização de tecnologias.

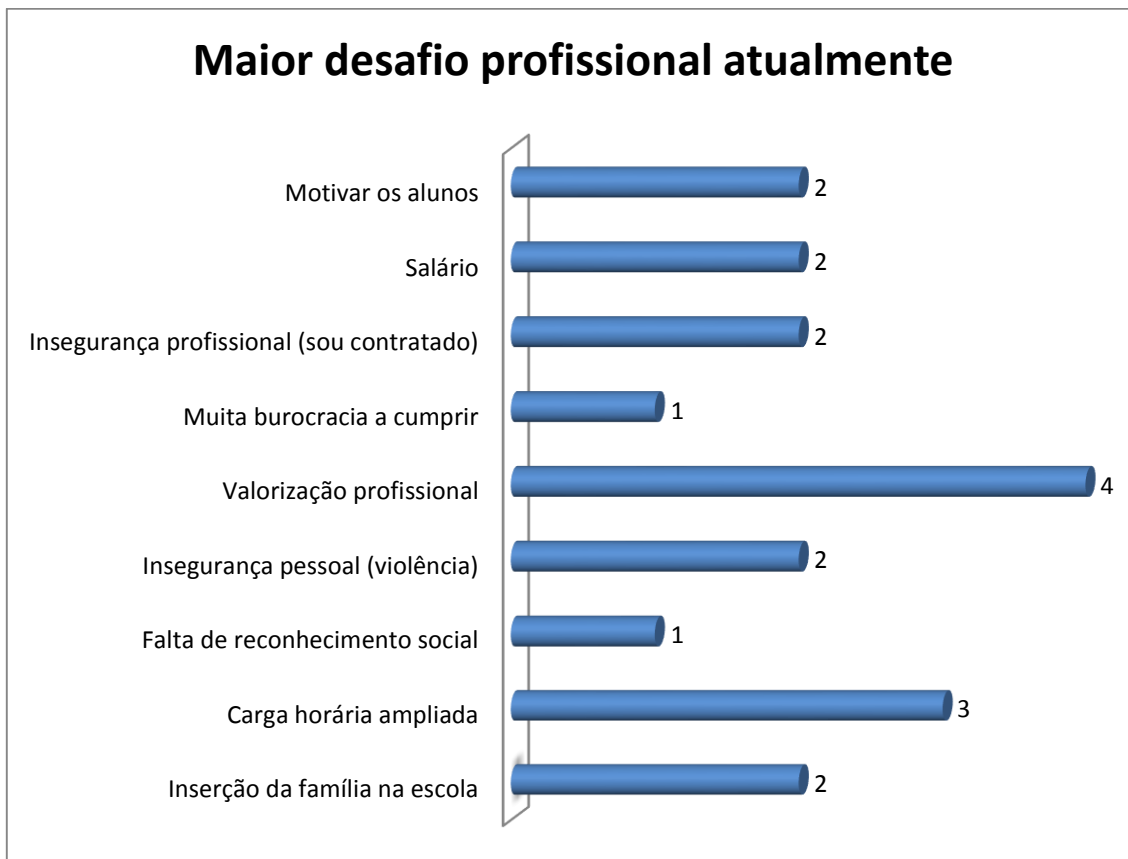


Gráfico 14 – Maior desafio profissional

Em relação aos desafios que a atuação profissional lhe impõe na atualidade, o item que mais se destacou foi valorização profissional, que configurou aproximadamente 33% de todas as respostas. Nesse item, questões como a violência e o salário se associam à questão do respeito ao profissional pelo sistema educacional, reconhecimento social, expectativas de bem-estar familiar e garantias para uma vida futura saudável e com conforto.

Muitos ressaltaram a insegurança pessoal (violência) e profissional (contratos temporários de trabalho), carga horária ampliada, inserção da família na escola, salário,

motivar os alunos e muita burocracia a cumprir como desafios que vêm dificultando a sua atuação como profissionais docentes.

No item “Enfrentamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos”, muitos afirmaram que dialogam com os pais e dividem com eles essa responsabilidade, porém a maioria se disse impotente, pois já buscou várias possibilidades sem êxito.

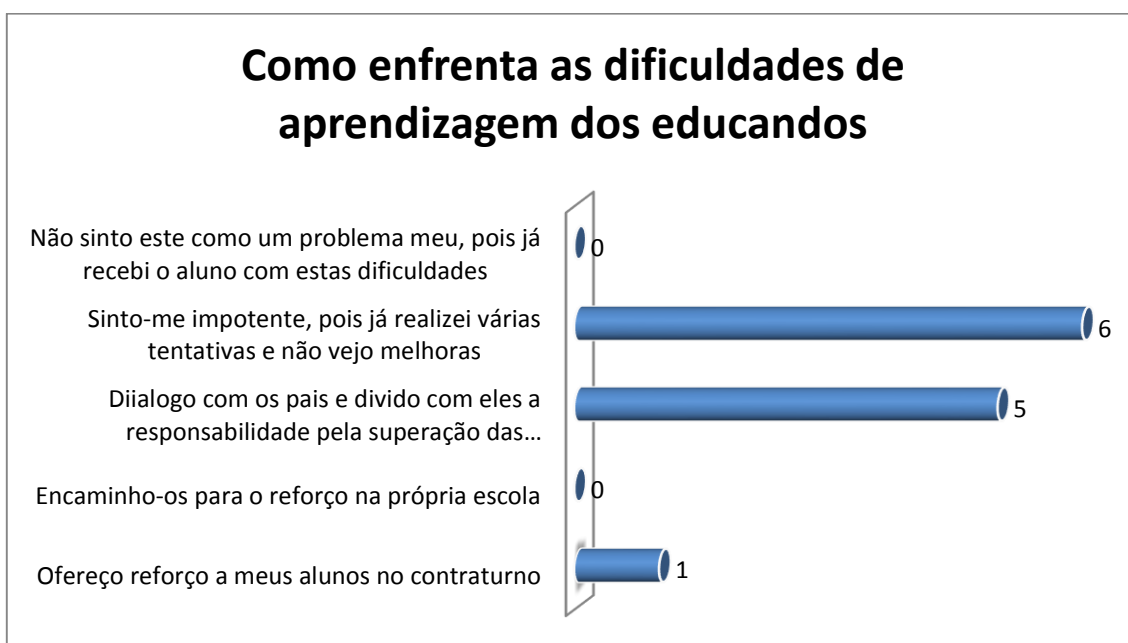


Gráfico 15 – Como enfrentar as dificuldades de aprendizagem dos educandos

Esse sentimento de impotência se mostra como mais um dado preocupante, obtido no decorrer da pesquisa. Se o professor, que é tido como a mola-mestra no processo ensino-aprendizagem sente-se impotente frente aos desafios impostos, como será que ele alcançará êxito nas suas ações?

No item tecnologias educacionais, a primeira indagação foi sobre a frequência de utilização de ferramentas tecnológicas presentes na escola. Grande parte respondeu utilizar frequentemente (58%) ou às vezes (42%). Foi relatado que as duas escolas em que a pesquisa foi realizada possuem TV, microsystem, projetor de imagem, lousa

digital, aparelho de DVD e laboratório de informática e todas elas vêm sendo usadas regularmente.

Ressaltou-se ainda que alguns alunos e professores do Ensino Médio receberam tablets, mas as ferramentas mais utilizadas têm sido o projetor de imagens, a TV e os microssistens. As duas escolas são atendidas pelos programas PDDE e PDE-Escola e foi através dessas políticas públicas do governo que se tornou possível a aquisição destas ferramentas.

No que tange à importância do uso das ferramentas, conforme revela o gráfico 16, os professores que aderiram a elas declararam que elas abrem novos horizontes, ampliando o conhecimento intelectual e que têm facilidade em trabalhar com elas, porém alguns professores (especificamente os da Escola Municipal) relataram que gostariam de utilizar mais vezes, porém há poucos equipamentos e os professores precisam fazer um agendamento para garantir o acesso a elas.



Gráfico 16 – Motivos para usar (ou não) as ferramentas tecnológicas

No tocante às relações humanas na escola, todos os entrevistados declararam que no seu ambiente de trabalho se mostra com clareza os objetivos e missão da escola, ou seja, os funcionários sabem de suas responsabilidades e, quanto às metas, ajudam a chegar ao resultado esperado. Declararam ainda que existe uma relação harmoniosa entre equipe gestora e corpo docente, bem como entre os professores.

Em relação ao relacionamento professor/aluno, a maioria declarou que é bom. Esse percentual reafirma uma possível dificuldade dos professores em identificar e entender os interesses dos discentes e ali atuar para despertar-lhe a atenção para as diferentes propostas de trabalho que pretendem desenvolver. Mostrando assim que ainda há aquela barreira invisível que, muitas vezes, separa educadores e educandos e dificulta a plenitude do trabalho educativo.

Quanto ao ambiente de trabalho, o gráfico 17 reflete que, na opinião dos professores entrevistados, este se torna ideal quando todos fazem parte do mesmo time, arregaçam as mangas e trabalham juntos, como equipe, e quando as pessoas se tratam com respeito e justiça.

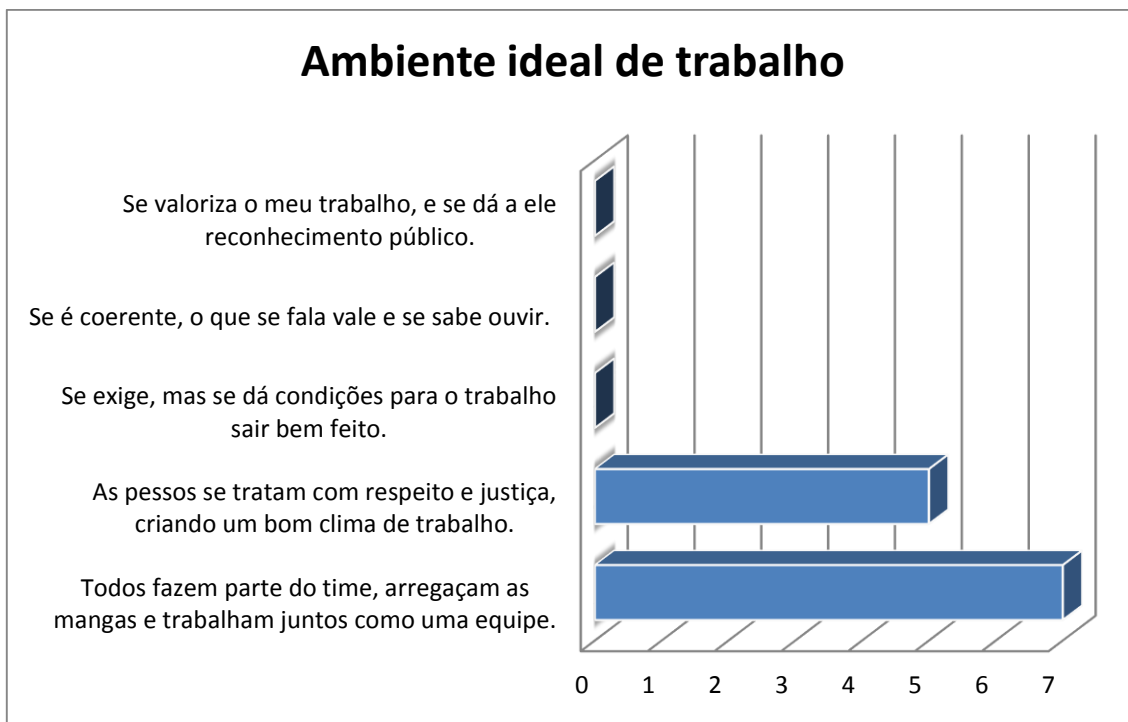


Gráfico 17 – Ambiente ideal de trabalho

O último subtema da entrevista se refere à formação inicial do professor. Neste item, os entrevistados foram convidados a pensar sobre sua formação inicial, os alcances desta em sua prática, sobre a necessidade de formação continuada e sobre projetos de continuar os estudos de pós-graduação.

O gráfico 18 demonstra a avaliação que os docentes fazem de sua formação inicial, realizada nos bancos universitários, confrontando-a com a realidade que encontraram nas salas de aula em que atuam.

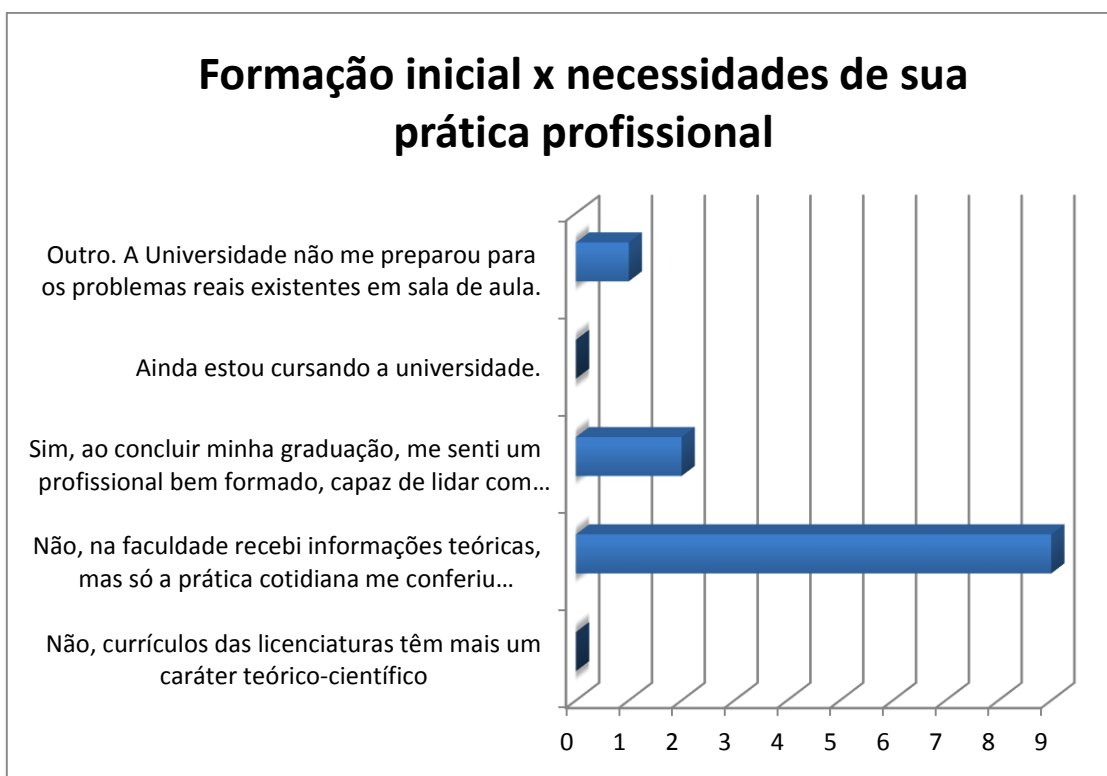


Gráfico 18 – Formação inicial x necessidades da prática profissional

Segundo os entrevistados, na formação inicial há muita informação teórica, mas foi a prática quem lhes conferiu as habilidades docentes necessárias. Também ficou claro que, na opinião dos profissionais, o currículo das licenciaturas possui um caráter teórico-científico e que os professores ao saírem da Universidade sentem-se inseguros e temerosos quanto às situações cotidianas a serem enfrentadas no exercício da profissão: “A Universidade não me preparou para os problemas reais existentes em sala de aula.” – afirma um dos entrevistados.

Pode-se perceber que, segundo os professores, existe uma distância entre a formação universitária e a prática pedagógica que deles é exigida em suas vivências como profissionais. A formação universitária pela qual a maioria dos entrevistados passou foi muito teórica e não lhes conferiu segurança para enfrentar os desafios que a

vida profissional tem lhes imposto. Tal situação vem gerando nesses profissionais um sentimento de frustração e de descrédito em relação aos estudos universitários.

Talvez fosse necessário a Universidade fazer parcerias com as escolas da rede estadual e municipal de ensino público e, a partir daí, voltar um pouco mais seu olhar e reflexões para a prática docente, proporcionando ao universitário uma convivência mais estreita com as práticas de ensino durante todo o decorrer do curso. Assim, o licenciando teria maior conhecimento da realidade a ser encontrada fora dos bancos universitários e, além disso, teria a oportunidade de refletir, ainda na condição de estudante universitário, sobre os problemas que compõem a realidade de ensino a ser enfrentada.

O gráfico 19 sistematiza a opinião dos entrevistados sobre sua motivação para participar de formações continuadas e o reflexo destas nas sua atuação profissional ou nos seus salários.

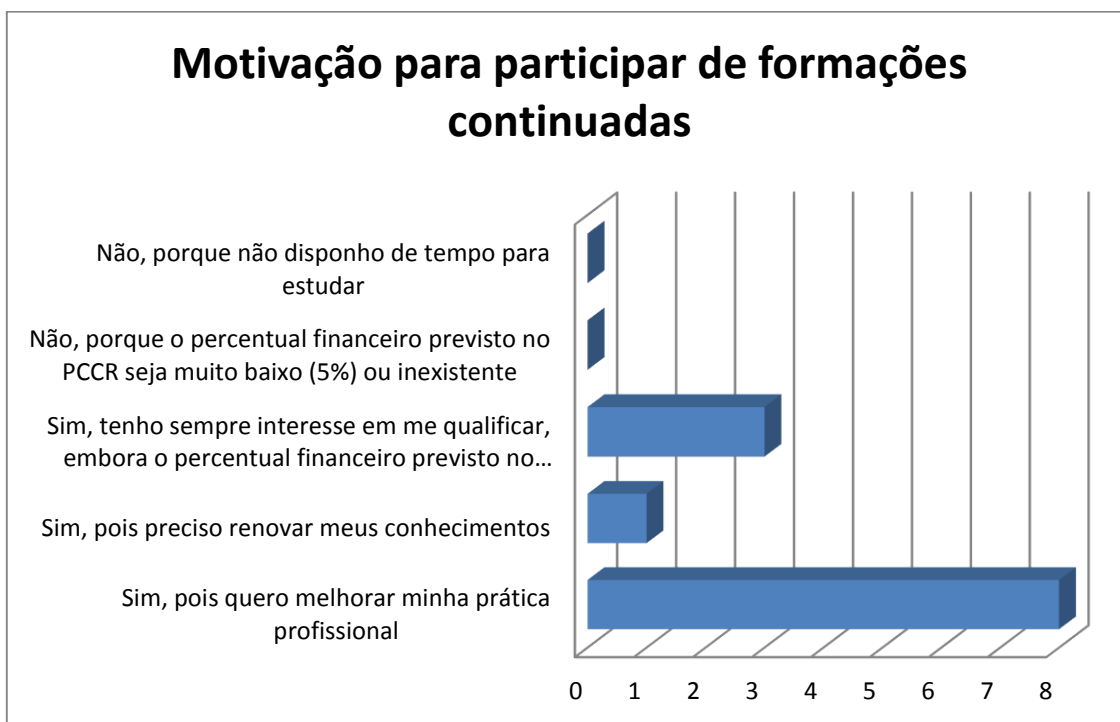


Gráfico 19 – Participação de formações continuadas

Os docentes entrevistados relataram sentir-se motivados para participar de formação continuada, pois melhora a prática profissional, renova os conhecimentos e os qualifica melhor. Porém, enfatizam que os PCCR's não reconhecem a importância desses estudos, já que oferecem percentuais muito baixos. Outros ainda dizem sentir dificuldade, já que muitas das formações continuadas, que muitas vezes são impostas, acrescentam pouco ou nada às suas práticas.

No que se refere ao mestrado e doutorado, há um interesse de um grande número de professores em cursar tais pós-graduações. Apesar disso, a falta de tempo, de dinheiro e/ou de oportunidade, já que muitos estão há vários anos longe das atividades acadêmicas, têm sido o grande obstáculo para a concretização desse projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de Stuart Hall (2006) no que diz respeito à identidade mutável do sujeito pós-moderno se contrapõe à tradição do sujeito cuja identidade era caracterizada pela estabilidade. É nessa perspectiva que se pode verificar na atualidade a atuação do profissional da educação, tendo em vista que sua prática vem sendo marcada por mudanças culturais da própria sociedade, bem como por avanços tecnológicos que se tornaram acessíveis às massas e que interferem no fazer pedagógico do profissional docente.

A sociedade em que o educador está inserido na atualidade demanda-lhe uma atuação multiprofissional, de modo que é esperado, além da ação formadora, ação de pai/mãe, psicólogo, pedagogo, conselheiro, cuidador, entre tantas outras possíveis ações. Essa demanda social contrasta com o anseio pessoal, bem como com a perspectiva de sua formação inicial, qual seja, ser professor. A dialética do viés de sua formação com a expectativa da sociedade em relação a esse profissional gera certo desconforto ou a sensação de atuar num terreno instável, ou seja, é como se o professor não se sentisse apto a lidar com tantas expectativas que lhe são socialmente impostas e que extrapolam o universo de sua formação.

Fruto dessa gama de expectativas sobre a atuação docente, decorre o temor que alimenta os jovens a respeito das condições de ser professor. Nesse sentido, os dados coletados na pesquisa em análise nesse trabalho revelam um índice inexpressivo de profissionais que declararam atuar como educador por vocação, isto é, apenas dois dos doze envolvidos na pesquisa escolheram realmente ser professor. Essa constatação parece refletir nas decisões de atuar na área de educação nos tempos atuais, haja vista não se verificar mais crianças brincando ‘de escolinha’, a família orgulhosa porque um de seus membros resolveu ser professor, ou tantos jovens sonhando em atuar na área. Quando alguém decide ingressar como profissional na educação, recebe, muitas vezes, críticas de colegas e não tem o apoio da família. Essa postura da sociedade parece estar respaldada em aspectos como desvalorização salarial, pouco respeito social e excessiva carga de trabalho extraclasse.

Aos que decidiram seguir a carreira docente, resta conviver com as instabilidades típicas da profissão, além de enfrentar o desafio proposto pela atual conjuntura dos avanços tecnológicos. Ser um professor atualizado significa estar antenado com as

tecnologias, ou seja, o domínio do conhecimento da própria área de atuação não basta. Dois grandes desafios estão impostos ao professor atual. O primeiro deles é saber utilizar as ferramentas tecnológicas, ou mediar a utilização delas, para ajudar o educando a construir seu conhecimento. O segundo é administrar o conhecimento que o jovem (geração tecnológica) tem de determinadas ferramentas tecnológicas as quais o colocam em condições de vantagem em relação a boa parte dos professores, bem como a qualidade do uso de tais ferramentas a serviço da busca pelo conhecimento.

É nessa dialética que o profissional da educação atua nos tempos da pós-modernidade. Precisa se reidentificar constantemente para estar inserido no mundo das inovações e das expectativas da sociedade, ao mesmo tempo em que precisa vivenciar as experiências diversas de cada contexto escolar e se reinventar em cada nova experiência vivida na sua professoralidade.

Em suma, através da análise dos dados coletados na pesquisa, verificou-se que também os profissionais docentes de Picuí-PB vêm passando por esse processo de constante (re)identificação profissional, tendo em vista que a sociedade moderna vive conectada, o que torna os problemas enfrentados muito semelhantes em todos os lugares. Assim, ocorre que os profissionais docentes que atuam em Picuí-PB estão sujeitos às mudanças culturais por que passa toda a sociedade, sofrem a pressão exercida pela demanda social atual, as quais muitas vezes vêm de encontro aos anseios pessoais e ao universo da formação inicial. Por isso buscam em cursos de formação continuada e de pós-graduação encontrar novas fórmulas para enfrentamento dessas realidades.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P. 7 – 22.
- GARCIA, Carlos Marcelo. *A identidade docente: constantes e desafios*. Tradução Cristina Antunes. In. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores: Formação Docente. Vol. 1, n. 1, agosto / dezembro de 2009. P 109 -131. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In: A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. P. 1 -28. Disponível em www.cefetesp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc. Acesso em: 27 de julho de 2013.
- GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. *Cadernos de Pesquisas*, São Paulo, n.98, p. 85-90, ago. 1996. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/249.pdf>, Acesso em: 19 de agosto de 2014.
- GONDAR, J. (2000). In: RABELO, Amanda Oliveira. Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/668/478>. Acesso em 05 de agosto de 2013
- LAWN, Martin. Os professores e a Fabricação de Identidades, 2001. In: GOMES, Alberto Albuquerque. *A construção da identidade profissional do professor: uma análise de egressos do curso de Pedagogia*. VI Congresso Português de Sociologia; Universidade Nova de Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2013.

- NÓVOA (1997) In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro Veiga e D'AVILA, Cristina. *Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas: Papirus, 2008. Disponível em: <http://voznaeducacao.blogspot.com.br/2011/06/identidade-profissional-o-ser-e-estar.html>. Acesso em 27 de julho de 2013.
- OFFE, Claus (1987). In: BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P.11.
- PEREIRA, M. V. (2000). In: RABELO, Amanda Oliveira. Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/668/478>. Acesso em 05 de agosto de 2013
- RABELO, Amanda Oliveira. Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/668/478>. Acesso em 05 de agosto de 2013
- SILVA, T. (Org) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. In: RABELO, Amanda Oliveira. Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/668/478>. Acesso em 05 de agosto de 2013.
- <http://didaticasuperior2012.blogspot.com.br>. Acesso em 15 de julho de 2013.

ANEXOS

Questionário

I. Identificação:

- a) Você é: () professor () professora
- b) Qual a sua idade? () até 25 anos () de 26 a 40 () de 41 a 55 () acima de 55
- c) Há quantos anos você é um educador? _____
- d) Qual a sua área de atuação?
- () Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II
- () Ensino Médio () Educação de Jovens e Adultos - EJA
- e) Qual o seu nível de escolaridade?
- () Ensino Médio - Magistério () Ensino Médio
- () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior – Licenciatura
- () Ensino Superior – Bacharelado () Pós-graduação - Especialização
- () Pós-graduação - Mestrado () Pós-graduação - Doutorado
- f) Além de ensinar, você desenvolve outra atividade profissional?
- () Não. () Sim. Qual? _____
- Qual é mais rentável? _____
- Qual é mais gratificante? _____

II. Ser professor

- a) Como você se tornou um professor?
- () por ser um campo profissional mais amplo.
- () por acaso, já que a concorrência para a licenciatura era mais baixa.
- () por acaso, já que não obtive aprovação na primeira opção, fui aprovado(a) para a segunda.
- () porque tinha facilidade nesta área, surgiu uma oportunidade de trabalho e acabei me identificando com a docência.
- () Outro. _____
- b) Qual o seu grau de satisfação na sua profissão (professor)?
- () muito insatisfeito () pouco insatisfeito () pouco satisfeito
- () satisfeito () muito satisfeito
- c) Como era ser professor no início de sua carreira? E agora?
- _____
- d) Na sua visão, a educação antes era:
- () boa () muito boa () ruim () muito ruim
- Por quê? _____
- e) Na sua visão, a educação hoje é:
- () boa () muito boa () ruim () muito ruim
- Por quê? _____

III. Desafios do professor

- a) Como você age para motivar os seus educandos?
- () utilizo em minhas aulas as ferramentas tecnológicas para chamar a atenção do educandos.
- () construo laços de amizade com os meus educandos.
- () busco o incentivo e a participação das famílias.
- () trabalho com temas geradores, ligados à área de interesse dos educandos para despertar-lhes o interesse.
- () não tenho preocupações quanto a isso, acho que a motivação dos educandos é responsabilidade deles.
- () tenho dificuldades na motivação dos alunos.
- b) Qual é o seu maior desafio profissional atualmente?
- () inserção da família na escola () insegurança pessoal (violência)

- () valorização profissional () carga horária ampliada
 () muita burocracia a cumprir () motivar os alunos
 () insegurança profissional (sou contratado) () falta de reconhecimento social
 () salário
- c) Como você enfrenta as dificuldades de aprendizagem de seus educandos?
 () ofereço reforço a meus alunos no contraturno
 () encaminho-os para o reforço na própria escola
 () dialogo com os pais e divido com eles a responsabilidade pela superação das dificuldades dos educandos
 () sinto-me impotente, pois já realizei várias tentativas e não vejo melhoras
 () não sinto este como um problema meu, pois já recebi os alunos com estas dificuldades
- d) Quais das ferramentas tecnológicas abaixo existem na sua escola?
 () TV () DVD () Laboratório de informática
 () Microssistem () Tablet () Lousa digital
 () Projetor de Imagem () Laboratório de mídia () Rádio escola
- e) Quais delas você utiliza?
 () TV () DVD () Laboratório de informática
 () Microssistem () Tablet () Lousa digital
 () Projetor de Imagem () Laboratório de mídia () Rádio escola
- f) Com que frequência você utiliza essas ferramentas na sua escola?
 () nunca () raramente () às vezes
 () frequentemente () não utilizo na escola, mas recomendo a pesquisa
- g) Porque você usa (ou não usa) essas ferramentas?
 () não as considero importantes na minha prática
 () dificuldade de acesso a elas
 () insegurança por falta de formação nesta área
 () facilidade em trabalhar com elas
 () abre os horizontes, ampliando o crescimento intelectual
 () estimula a preguiça de ler e escrever
 () disponibilidade, pois há poucos equipamentos e vários professores que precisam deles ao mesmo tempo

IV. Relações humanas na Escola

- a) No seu ambiente de trabalho se mostra clareza os objetivos e missão da escola, ou seja, todos os funcionários sabem de suas responsabilidades e, quanto às metas, ajudam a chegar ao resultado esperado?
 () sim () não () às vezes
- b) Como você avalia o relacionamento entre a equipe gestora e o corpo docente?
 () ruim () regular () médio () bom () ótimo
- c) Como você avalia o relacionamento entre os professores?
 () ruim () regular () médio () bom () ótimo
- d) Como você avalia o relacionamento entre o corpo docente e o discente?
 () ruim () regular () médio () bom () ótimo
- e) “O ideal em um ambiente de trabalho é quando... (Marcar apenas uma alternativa):
 () todos fazem parte do time, arregaçam as mangas e trabalham juntos como uma equipe”.
 () as pessoas se tratam com respeito e justiça, criam um bom clima de trabalho”.
 () se exige, mas se dá todas as condições para o trabalho sair bem feito.”
 () se é coerente, o que se fala vale e se sabe ouvir.”
 () se valoriza o meu trabalho, e se dá a ele reconhecimento público.”

V. Formação de professor:

a) Seu curso de formação inicial foi suficiente para atender às necessidades de sua prática profissional?

não, porque os currículos das licenciaturas têm mais um caráter teórico-científico.

não, porque na faculdade recebi informações teóricas, mas só a prática cotidiana me conferiram habilidades docentes.

sim, ao concluir a minha graduação, me senti um profissional bem formado, capaz de lidar com as diversas situações de sala de aula.

ainda estou cursando a universidade.

outro. _____

b) Você se sente motivado(a) a participar de formações continuadas? Por quê?

sim, pois quero melhorar minha prática profissional

sim, pois preciso renovar meus conhecimentos

sim, tenho sempre interesse em me qualificar, embora o percentual financeiro previsto no PCCR seja muito baixo

não, porque o percentual financeiro previsto no PCCR seja muito baixo (5%) ou inexistente

não, porque não disponho de tempo para estudar

c) Você pretende fazer Mestrado ou Doutorado?

sim não.

Por que ainda não fez? _____
